

Benjamin
Blech

Se Deus é bom, por que o mundo é tão ruim?

E-book
Vol. 7





Conteúdo extraído do livro:

Se Deus é bom, por que o mundo é tão ruim?

Rabino Benjamin Blech
Editora e Livraria Sêfer

2006

Copyright © 2003 by Benjamin Blech

Direitos reservados à
EDITORA E LIVRARIA SÊFER LTDA.
Alameda Barros, 735 CEP 01232-001 São Paulo SP Brasil
Tel. 3826-1366 sefer@sefer.com.br www.sefer.com.br

CAPÍTULO 15

A FÉ APÓS O HOLOCAUSTO

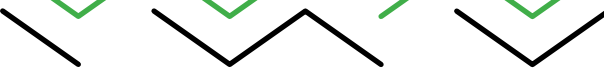
“Rabino, como o senhor entende o sentido do Holocausto?”

Esta é uma questão da qual tenho medo, mas que não posso evitar. Não são apenas as plateias que ouvem as minhas conferências que perguntam isto; eu duvido que se tenha passado um dia em que eu também não me perguntei o mesmo.

Perdi boa parte da minha família durante aquela época terrível, quando Deus parecia estar ausente. Meus pais felizmente fugiram para a segurança da América, junto com meu irmão, minha irmã e eu. Mas 6 milhões não tiveram a mesma sorte. Eles eram velhos e jovens, homens e mulheres, crianças de colo. Eu conheço pessoalmente o sentido de sentir-se “culpado por sobreviver”. Por que eu – e não eles? Por que eu estava entre os afortunados sobreviventes, e por que eles pereceram? Não posso acreditar que sou mais merecedor do que eles. Eu li as suas histórias; sei que entre as vítimas havia piedosos, devotos, religiosos e sábios. Lamentei quando li sobre os seus destinos. E gostaria de saber: *Por que Deus também não lamentou? E se Ele o fez, como Ele pôde ter deixado de interromper a carnificina e de vingar o sangue dos Seus filhos?*

Algumas pessoas acreditam que o Holocausto não é um desafio religioso maior do que quaisquer das situações pessoais de sofrimento sofridas por qualquer pessoa. Eliezer Berkovits,⁶⁶ por exemplo, argumenta, de uma perspectiva teológica, que o genocídio de 6 milhões de pessoas não difere da situação de uma criança que sofre sem necessidade ou de uma pessoa que passa pela angústia de uma perda pessoal. O problema teológico, ele diz, é o mesmo – a injustiça; a quantidade não faria diferença alguma. A questão é: como um Deus bom e justo permite que ocorra na Terra algo injusto? O dilema de Jó e o dilema do Holocausto é o mesmo.

No entanto, muitos outros discordam. E eu sou um deles. O Holocausto, como um crime, permanece como algo *sui generis* – em uma categoria só



para si mesmo. Sua crueldade, sua extensão, seus números e seu objetivo de aniquilação total do povo judeu – nada disso tem paralelos. O silêncio de Deus enquanto Hitler e seus comparsas davam seguimento à “Solução Final” é único como conduta Divina além da compreensão.

A extensão do mal perpetrado e seu impacto sobre as vítimas, bem como sobre o mundo como um todo, não podem ser subestimados.

Anne Frank comoveu os corações do mundo; mas ela era somente uma. Multiplique isso por 6 milhões, e sua mente terá vertigens. Nós provavelmente somos incapazes de compreender. Some ao número de 6 milhões aqueles aos quais chamamos de “sobreviventes”, mas que jamais sobreviverão aos seus pesadelos diários e às suas lembranças constantes do inferno. Mais do que terem sobrevivido, eles seguiram vivendo para sempre assustados pelo mal que vai muito além da imaginação humana.

Por isso eu sustento que tratar o genocídio em paralelo com a dor de um simples indivíduo é minimizar e desvalorizar o Holocausto. Não há termo de comparação entre ambos; fazer isso é simplesmente ofensivo.

Eu sofro sempre que vejo a terminologia do Holocausto reduzida à linguagem do cotidiano. Lemos frequentemente a respeito de povos oprimidos sofrendo diversos graus de dificuldade, e a palavra “Holocausto” é utilizada como se o termo implicasse em nada mais do que privação econômica ou sofrimento físico. A coisa chegou a tal ponto que temos ambientalistas descrevendo o desaparecimento das florestas tropicais como um Holocausto Ecológico e grupos de “Salve as Baleias” advertindo para a possível extinção desses animais aquáticos como um Holocausto Oceânico.

Sem dúvida, outros grupos de pessoas têm sofrido terrivelmente e eu de modo algum pretendo minimizar a sua dor. Os croatas foram vítimas de campanhas de limpeza étnica pelos sérvios. Os armênios sofreram um massacre genocida perpetrado pelos turcos. Pol Pot foi amplamente bem-sucedido em exterminar a *intelligentsia* do Camboja. Mas nenhum desses eventos pode se aproximar do mal perpetrado durante o Holocausto.

Atualmente, nós lemos inclusive sobre o Holocausto Palestino, uma ideia popularizada por grupos palestinos para tentar acusar o Estado de Israel de tratá-los do mesmo modo como os nazistas trataram os judeus. Ainda que levemos em conta os piores crimes cometidos por judeus contra palestinos – tais como o massacre de 29 muçulmanos por Baruch Goldstein na Gruta dos Patriarcas –, não há nada que chegue nem perto dos crimes da Alemanha nazista, que tinha um regime governamental *nacional* (e mais tarde internacional) para exterminar um povo inteiro da face da Terra. Esse regime incluía a tortura, a fome e, finalmente, o massacre de crianças e adultos.

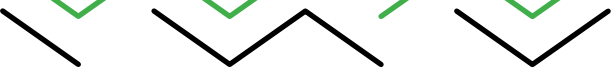
Eu não quero me estender sobre o tema, mas penso que a visão que prevalece entre os historiadores no mundo inteiro é que, dentro do amplo espectro de experiências do mal ao longo de toda a história, o Holocausto permanece algo separado, à parte, distinto e único. Não há nada como isso em termos de outros genocídios ou massacres do passado, nem mesmo em comparação com sofrimentos judaicos tais como a Inquisição na Espanha ou os *pogroms* na Rússia. O Holocausto foi a contribuição singular do homem “civilizado” do século 20.

É com respeito ao Holocausto que a nossa questão se torna, entre todas, a mais urgente, a mais enigmática e a mais relevante: onde estava Deus?

AS PERGUNTAS DENTRO DA PERGUNTA

Os teólogos têm destacado que, na verdade, há três perguntas dentro dessa pergunta. Devemos considerar onde Deus estava antes, durante e depois do Holocausto. Vamos destrinchar isso:

- 1.** Qual era o papel de Deus antes do evento? Ou seja, Ele participou da decisão que levou isso a ocorrer?
- 2.** Onde estava Deus durante o Holocausto? Em outras palavras, será que Ele estava no meio dos horrores e do terrível sofrimento? Em caso positivo, qual foi a Sua reação? Se os pais e mães que testemunharam o assassinato brutal dos seus filhos enlouqueceram, então a nossa pergunta é: “Deus, Tu



és o nosso Pai. Tu és a nossa Mãe. Como Tu podes assistir a tudo isso e não fazer alguma coisa?”

3. E, finalmente, qual foi o papel de Deus após o Holocausto? Após a realização de um mal em uma escala assim tão grande, será que os judeus podem continuar a seguir os mandamentos de Deus como se nada tivesse acontecido para sacudir a sua fé?

Atualmente, mais de meio século após o evento, muitos têm se confrontado com essas questões. Alguns pensadores religiosos, como o rabino reformista Richard Rubenstein, decidiram que, depois de Auschwitz, não poderiam mais manter a sua fé. Juntamente com muitos sobreviventes, a crença deles foi irrevogavelmente destruída.

Contudo, eu também conheço pessoas que suportaram esses horrores, testemunharam o pior do mal humano em primeira mão e saíram disso com uma fé ainda mais forte em Deus do que antes.

Elie Wiesel, laureado com o Prêmio Nobel da Paz, um cronista do Holocausto que passou por seu próprio período público de questionamento, permanece sendo um homem profundamente religioso. Embora ainda perturbado pelo silêncio inexplicável de Deus, Wiesel se recusa a renunciar à sua conexão com o Todo-Poderoso. Em vez disso, ele opta por se identificar com os sobreviventes cuja história imortalizou.

Há uma cena que Wiesel capturou ao concluir uma conferência muito famosa sobre o Holocausto. Sua exposição descreve de forma dinâmica os sentimentos contraditórios daqueles que sobreviveram quase milagrosamente. Wiesel fala sobre o que os judeus tiveram que suportar. Em seguida, ele relata o que aconteceu no dia em que o seu campo de concentração foi liberado. O exército americano chegou e libertou os sobreviventes. Naquele momento, cada um respondeu à liberdade de um modo diferente. Alguns logo buscaram encontrar os alemães para matá-los, por vingança. Outros se apressaram para encontrar comida a fim de saciar a fome que, por tanto tempo, definiu suas

existências. Outros ainda foram logo saquear e roubar. Eles sentiam que algo lhes era devido; tudo lhes havia sido literalmente roubado da vida, e eles saíram para agarrar o que podiam a fim de compensar o que fora levado deles.

Wiesel descreve as pessoas correndo em diferentes direções. Então ele acrescenta:

Mas ali permaneceu um grupo, um grupo grande, que se reuniu sem contar um para o outro o que iriam fazer – isso era tão automático – ; estas pessoas começaram a rezar, a recitar o Cadish, a oração de luto, que é, de fato, um hino de louvor a Deus.

Esta era a oração de luto por aqueles que não estavam saindo dali – pelos maridos, mães, pais, pelas crianças, por aqueles que haviam sido assassinados, pelo judaísmo alemão, pelo judaísmo húngaro, pelo judaísmo polonês, uma oração por 6 milhões de mortos.

Claramente, depois de todos os horrores, aquelas pessoas ainda encontraram força para rezar por aqueles que eles perderam e para louvar a Deus.

Então Wiesel fez uma longa pausa. Formou-se um silêncio mortal na sala. Finalmente, ele disse: “Na minha opinião, Deus não mereceu aquele *Cadish*.” E encerrou o assunto.

Esta foi uma acusação grave e pública. E apesar disso, Wiesel ainda estuda o Talmud, ainda coloca *tefilin*. Ele não perdeu a sua fé. E esta é provavelmente a parte mais notável da história – tanto para Wiesel como para o povo judeu. Não importa quão severamente podemos enxergar a conduta de Deus, nós não estamos dispostos a cortar a nossa relação com Ele.

“NÓS SÓ PODEMOS PERGUNTAR”

Como Wiesel solucionou sua discussão com Deus? Como ele encontrou a capacidade de continuar adorando um Deus que parecia tê-lo abandonado? Qual foi a sua resposta ao problema do silêncio de Deus diante de um sofrimento tão incrível?





Wiesel oferece uma resposta notável.

Depois do Holocausto, ele escreve, cada um de nós tem 6 milhões de perguntas a fazer para Deus. Mas nós não as fazemos com o objetivo de encontrar justificativas para as Suas ações; nós não questionamos para ouvir explicações. Justamente o contrário, declara Wiesel: argumentos que justifiquem Deus diante do mal não só são inadequados, como são diabólicos. As respostas, ele afirma, não podem vir do homem, mas apenas do próprio Deus. O que cabe a nós, então? Não explicar, mas só perguntar!

Em seu *best-seller A Noite*, Wiesel relembra que esta é a lição que Moshe, o Bedel, lhe ensinou quando ele era um jovem na cidade de Sighet: "O homem cresce diante de Deus pelas perguntas que faz a Ele. Este é o verdadeiro diálogo. O homem questiona Deus, e Deus responde; mas nós não entendemos as Suas respostas. Nós não podemos entendê-las porque elas vêm das profundidades da alma e ficam ali até a morte."

É nesta linha que Wiesel incluiu a seguinte oração em *Os Seis Dias de Destruição*: "Deus, nós não exigimos respostas. Mas se esta é a última página da crônica humana, assegure-nos que nós tivemos o direito de perguntar."

Na verdade, há aqueles como Wiesel que encontram conforto suficiente simplesmente em verbalizar seus questionamentos. As respostas são mais do que irrelevantes; elas são impossíveis. A fé terá que aguentar todo o peso da confusão.

Para eles não há como proceder. Nós nos encontramos com o silêncio de Deus dentro de nós mesmos. E é em silêncio que suportamos a nossa dor – continuamos a rezar.

Mas para muitos outros isso simplesmente não é suficiente. Afinal de contas, nós desenvolvemos diversos modelos para explicar o sofrimento em épocas anteriores. Será que nenhum deles pode ser aplicado também a esse evento histórico? Será que todas as reflexões do passado são inaplicáveis para o Holocausto? Nos mais de 50 anos desde que estamos tentando reconciliar a fé com os fatos da "Solução Final", temos ouvido várias explicações possíveis.

Sigamos cuidadosamente os seus argumentos e vejamos se podemos concordar com alguns deles – ou talvez chegar a algumas conclusões próprias.

Mas antes disso precisamos apresentar uma palavra de precaução.

PALAVRAS TALMÚDICAS DE PRECAUÇÃO

Obviamente, o Talmud foi escrito muitos séculos antes do Holocausto. Mas o Talmud⁶⁷ pode nos proporcionar um modelo para abordar a questão do Holocausto a partir da sua discussão acerca da tentativa de genocídio do povo judeu na época do Império Persa. Naquela época, conforme relatado no livro de Ester, o perverso Hamán convenceu o Rei Assuero [Achashverósh] a emitir um edito condenando todos os judeus à morte.

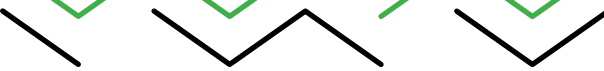
Ao estudarem esse relato 400 anos após o evento, os discípulos do Rabi Shimon bar Yochai perguntaram: “Por que os ‘inimigos judeus’ mereciam a destruição naquela geração de Ester?” Note que, embora centenas de anos tenham passado, o assunto ainda era tão sensível que eles não ousam perguntar “Por que o *povo judeu* merecia a destruição na geração de Ester?”, embora fosse isso o que eles quisessem dizer.

Em vez disso, fazem a pergunta obliquamente, por meio de um eufemismo: “Por que os inimigos judeus...?” Mas, naturalmente, o que eles realmente queriam saber era “por que os judeus quase morreram na época de Hamán? O que eles possivelmente podem ter feito para merecer esse destino?”

O Talmud registra a discussão a seguir.

Primeiro, o mestre deles, Rabi Shimon bar Yochai, lhes diz: “Deixe-me ouvir o que vocês têm a dizer.”

Agora os discípulos começam a especular. Talvez seja porque eles (os judeus) participaram do banquete de um homem perverso. O livro de Ester começa com a descrição de um luxuoso banquete preparado pelo rei para as pessoas da sua capital em Shushán. Todos foram convidados, e os judeus



participaram. Talvez este seja o crime deles: eles comeram nada menos que comida não-casher e gostaram. Talvez eles tenham tido um período bom demais no exílio, festejando quando deveriam estar lamentando a perda da sua terra.

Mas o rabino não aceita nada disso. Ele diz: "Se eles realmente tivessem cometido esse crime, então deveriam ter morrido." Contudo – ele enfatiza –, o resultado foi bem diferente; eles não morreram. Além disso, para contestar essa teoria, o decreto de morte foi emitido contra todos os judeus, e não apenas contra os pecadores que cometeram o que vocês usam como justificativa para o potencial genocídio.

Após deixar os discípulos ponderarem sobre isso, ele em seguida oferece esta explicação: "O decreto de morte foi resultado da idolatria." E ele continua: "Os judeus se curvaram a ídolos, mas só aparentemente. Quando eles se curvavam diante de um ídolo, eles realmente não acreditavam em seus corações que estavam se curvando diante de um deus. Eles se curvavam por fora, mas não por dentro. O pecado estava somente na superfície. Por isso o Santíssimo, bendito seja, só permitiu uma ameaça à sobrevivência deles, que na superfície parecia perigosa, mas que, na realidade, jamais foi consumada."

A sua explicação corrobora um princípio que já consideramos antes neste livro – medida por medida. O ato deles de idolatria só estava na aparência. Por isso o decreto de morte também ficou somente na aparência: foi emitido, mas não levado adiante.

O que eu considero digno de nota nesta discussão é a clara contenção dos rabinos em sua abordagem para o tópico. Rabi Shimon bar Yochai, que tinha o que ele considerava uma possível solução, primeiro quis ensinar aos seus discípulos como é difícil encontrar as respostas certas e como deve-se tomar cuidado em sugerir uma resposta teologicamente satisfatória. E lembremo-nos que isto ocorreu mais de 400 anos após o evento!

Eu sou incapaz de enfatizar isso o bastante – 400 anos após o quase extermínio do povo judeu, os Sábios do Talmud tiveram muito tempo para lidar adequadamente com o tema. Eles abordaram o assunto obliquamente e tiveram que lutar por respostas. Mas nós estamos tentando entender um genocídio que

aconteceu, e estamos tentando fazê-lo menos de 100 anos depois do evento. O desafio é mais do que formidável.

Mas nós não ousamos evitá-lo. Como eu já deixei claro, para os teólogos, ou para qualquer um que luta para manter a fé em um Deus zeloso, o Holocausto representa o derradeiro desafio. Como diz Frederick Buechner:

É impossível pensar no Holocausto. É impossível não pensar nele. Qualquer um que afirma acreditar em um Deus Todo-Poderoso e Todo-Amoroso sem levar em conta essa evidência devastadora de que Deus é indiferente ou impotente, ou que de fato não existe um Deus, está brincando. Se o amor realmente está no centro de tudo, como estas coisas podem acontecer? O que significam estas coisas?

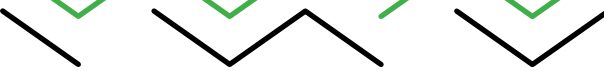
Então enfrentemos o desafio.

Há diversas abordagens muito interessantes que têm sido levadas em conta para tentar responder a esta grande pergunta: “Onde Deus estava antes, durante e depois do Holocausto?” Podemos categorizar essas tentativas para tentar entender o Holocausto de acordo com cinco modelos arquetípicos retirados do tesouro do pensamento e da sabedoria judaica. Pretendo, junto com você, analisar o que eu acredito que podemos concordar e o que devemos rejeitar nestas cinco formas de lidar com as ações de Deus.

O HOLOCAUSTO COMO UMA PUNIÇÃO

O nosso primeiro modelo – Modelo A – é Adão. Eu chamo esse modelo de “fórmula do pecado e punição”. Adão, que pecou ao violar uma ordem de Deus, é expulso do Jardim do Éden e punido. Esse é um padrão clássico que aparece frequentemente na Torá: o homem faz algo errado e sofre as consequências.

Para alguns, este parece ser o modo mais óbvio de compreender o Holocausto. Assim como Adão, as vítimas do genocídio devem ter feito algo errado. O que torna essa abordagem tão improvável – e, melhor dito, censurável – é a sua tendência em aceitar a possibilidade de que *algum* pecado pode vir a ser suficientemente mau para permitir que Deus aceite o Holocausto.



Será que pode ter havido um pecado tão enorme a ponto de justificar uma punição que causou a morte de 6 milhões de judeus, reunidos desde países diferentes, para serem assassinados só porque compartilhavam de uma característica – serem judeus? Mesmo que este tivesse sido um pecado tão odioso, será concebível que todos os judeus eram igualmente culpáveis? E de fato, ainda que fôssemos identificar um pecado assim entre *todos* os judeus daquele tempo, o que dizer dos bebês e das crianças pequenas? Por que os inocentes seriam punidos – se é que eles foram punidos – juntamente com os culpados?

Para aqueles que ainda desejam adotar o modelo de Holocausto como punição, a única resposta para estas últimas objeções aparentemente irrefutáveis é que a ira de Deus se manifesta quando um número suficiente de pessoas da comunidade peca. Então os perversos são punidos com os culpados – todos são alcançados em uma rede de destruição. Francamente, eu não posso assinar embaixo de uma visão assim. Eu não posso acreditar que Abraão estava errado quando perguntou retoricamente a Deus, em seus argumentos em favor das pessoas de Sodoma e Gomorra: “Destruirás também o justo com o mau? Talvez haja 50 justos dentro da cidade... Aquele que é o Juiz de toda a terra não fará justiça?” (Gênesis 18:23-25)

No entanto, se colocarmos essa estrutura de lado, permanece a primeira questão e a mais direta: qual pecado possivelmente pode ter sido tão imenso a ponto de convencer Deus a voltar as Suas costas para o Seu povo?

É digno de nota que duas proeminentes figuras rabínicas da geração passada ousaram sugerir uma resposta. Cada um identificou um pecado diferente. E o mais estranho de tudo é que suas opiniões são diametralmente opostas entre si.

O rabino Ioel Teitelbaum de Satmar, conhecido como “Rebe de Satmar”, era o porta-voz principal de que o Sionismo é o grande pecado coletivo dos judeus no século 20. Nas suas palavras, “a tentativa de acelerar a redenção final por meio da imigração em massa para a Terra de Israel antes da vinda do Messias é o pecado que trouxe esta tragédia”.⁶⁸

Você pode perguntar: o que possivelmente pode ter levado um rabino a uma conclusão tão estranha? Ele reivindica que o seu argumento está baseado na máxima talmúdica⁶⁹ de que o povo judeu fez dois juramentos diante de Deus ao entrarem no segundo exílio:

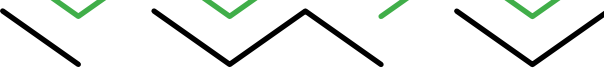
1. Que Israel não “subiria como um muro” (conquistar Israel por meio de uma força maciça);
2. Que eles não se rebelariam contra as nações do mundo (obedeceriam aos governos no exílio).

O Rebe de Satmar declara que o Sionismo é a negação judaica desses juramentos sagrados e merece o castigo mais severo porque viola um compromisso nacional para esperar pela redenção Divina.

Mas o que o Rebe de Satmar, bem como seus discípulos (conhecidos como *Neturê Karta*), ignoram é a conclusão exatamente dessa mesma passagem. Na realidade houve um *terceiro juramento*, um juramento que Deus impôs no mundo não judaico no qual os judeus viveram em seus exílios. Deus fez os não-judeus jurarem não oprimir Israel nem tentar exterminá-los. E os juramentos eram interdependentes; eles só se conectam se houver a mútua observância de suas exigências por parte dos dois lados do acordo contratual.

Mesmo que essa passagem talmúdica seja adotada literalmente – uma interpretação que muitos sábios questionam –, a sua exigência para que os judeus “não subam como um muro” tornou-se discutível devido à opressão que os judeus sofreram nas mãos das nações onde foram exilados.

Mais sério ainda – como modo de objeção a essa abordagem – é a consideração de que o desejo de o povo judeu retornar à sua antiga pátria possivelmente pudesse constituir um pecado de maior proporção. A maioria dos pensadores judeus, fundamentados em uma série de fontes tradicionais, discorda da posição de que os judeus deveriam sentar e esperar que Deus nos entregue a terra sem o nosso envolvimento. Exatamente o contrário. Deus nos fez parceiros na obra da redenção. O Messias é o presente de Deus para um mundo que demonstra trabalhar ativamente pela sua rápida chegada.



Jogar a culpa pelo Holocausto sobre os sionistas parece mais do que estranho; para muitos, inclusive eu, é até mesmo blasfêmia.

Talvez então não seja surpreendente que dentro do mesmo modelo de “Holocausto como punição” nós encontremos uma explicação diametralmente oposta à do Rebe de Satmar. Há alguns que expressaram a convicção de que as vítimas do Holocausto foram, na verdade, punidas por Deus – não porque elas eram sionistas, mas precisamente porque não apoiaram o Sionismo.

Essa abordagem está mais vividamente articulada no livro *Em Habanim Semechá (Feliz é a Mãe de Filhos)*, do rabino Yissochor Solomon Pechtal, um livro muito lido após o Holocausto.

O rabino Pechtal escreve que aqueles que não assinaram embaixo da ideia do Sionismo e se recusaram a se instalar no que então era a Palestina pereceram. Aqueles que voluntariamente optaram por preservar a Diáspora em vez de aproveitar a oportunidade de morar na Terra Prometida tornaram-se vítimas da perversidade dos nazistas.

Segundo a sua explicação, Deus se lembrou do povo de Israel, e o chamou para deixar o seu exílio e emigrar para a Terra de Israel. Isto aconteceu no início do século 20, quando o Império Britânico conquistou o Império Otomano e a Palestina tornou-se disponível para ocupação pelo povo judeu. Então muitos judeus retornaram para a sua pátria, mas não foi só isso. Aqueles que o fizeram sobreviveram ao Holocausto; aqueles que imigraram não morreram. O crime é visto como um não-atendimento ao chamado de Deus; a punição, o extermínio nas mãos dos nazistas.

Em contrapartida ao argumento do Rebe de Satmar, que foi disseminado alguns anos depois do Holocausto, o livro do rabino Pechtal foi escrito e impresso na Hungria enquanto o Holocausto ocorria com toda a sua fúria. O autor escreveu com pleno conhecimento do que estava acontecendo. O seu argumento está fundamentado por numerosas citações de fontes do *Midrash*, como também pela análise histórica das oportunidades de retorno à Terra de Israel, cuja perda foi fatal.

Deste modo, temos conclusões completamente diferentes de dois sábios instruídos em que cada um deles vê o Holocausto em termos de pecado e punição. É fascinante notar que ambos eram húngaros, cresceram na mesma cultura, instruíram-se nos mesmos textos e foram educados em *yeshivot* semelhantes. Apesar disso, como vimos, as suas opiniões diferiam radicalmente.

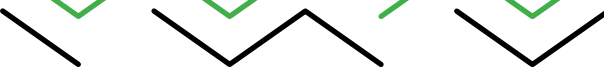
E isto é o motivo pelo qual nenhuma dessas explicações – na verdade, todo o modelo de pecado e punição – me convence. Se Deus quisesse punir as pessoas por um pecado cometido – se Ele quisesse proclamar, “Eu mostrarei a vocês! Vocês nunca mais farão isso!” –, a Sua mensagem teria sido tão confusa? Se o propósito de Deus era nos provar o erro das nossas condutas, será possível que teria se comunicado de um modo que nos deixa tão confusos quanto ao seu significado?

Eu devo acreditar que a Sua mensagem como punição teria seguido o padrão Divino utilizado ao longo da Bíblia. Teria vindo em voz alta e clara. Não teria permitido interpretações diametralmente opostas. Punição sem um propósito claro não faz sentido.

Some-se a tudo isso, talvez, o ponto mais revelador: será concebível – qualquer que seja a visão do Sionismo por Deus, pró ou contra –, que um erro de julgamento por parte dos judeus os torne vítimas legítimas da brutalidade alemã e do genocídio?

É interessante notar que exista ainda uma terceira explicação que usa a ideia de pecado e punição como modelo. Os sábios que apoiam essa linha de pensamento não veem o pecado como relacionado ao Sionismo; em vez disso, relacionam-no com o crescimento progressivo da assimilação. Eles apontam para o fato de que a Alemanha pós-Iluminismo era um ímã para os judeus deixarem a sua tradição religiosa e iniciar um processo de alienação e de negação do judaísmo. Assim, os proponentes dessa visão dizem que Deus reagiu de acordo com o princípio de medida por medida. Como os judeus abandonaram Deus, Ele os abandonou. No mesmo lugar onde os judeus juraram ser “mais alemães que os alemães” e proclamaram ser “não judeus, mas alemães de fé mosaica”, Deus permaneceu em silêncio quando os alemães se voltaram contra os judeus.





Embora esse argumento siga o mesmo modelo pecado/punição, é formulado de maneira diferente dos outros. De acordo com essa abordagem, o Holocausto como plano para um fim da sobrevivência judaica cumpriu simplesmente a mesma meta a que os judeus alemães aspiravam para si mesmos. Se o Holocausto não tivesse provocado a aniquilação física dos judeus, eles iriam, em todo caso, sofrer a aniquilação espiritual. Os judeus teriam desaparecido de todo modo por meio da assimilação, ou seja, por suas próprias mãos. Deus “nocauteou-os”, como se diz, para garantir que morreriam como judeus em vez de viverem como não-judeus assimilados.

Estranhamente, esse argumento teve boa aceitação não apenas entre pensadores religiosos, mas também entre seculares, dentre os quais o mais proeminente era Isaac Tabenkin, um socialista convicto. Ao falar no 26º Congresso Sionista, ele disse: “Eu temia um Holocausto. Eu sabia que haveria um. Eu temia ainda mais a assimilação. Há alguma coisa pior do que a destruição dos judeus? A assimilação faz parte da destruição dos judeus. Um judeu que foi morto não se assimilou.”

Esse argumento falha porque um número incontável daqueles que pereceram não havia tentado se assimilar. Eles eram religiosos, e judeus, como sempre. Obviamente, os proponentes dessa visão respondem que, uma vez que o fogo se alastra, este se espalha sem controle. O Holocausto começou na Alemanha como o modo de Deus lidar com a assimilação. Em seguida, alastrou-se.

Eu não posso aceitar esse argumento, pois sugere que Deus não é Todo-Poderoso. Sugere que as coisas podem fugir ao Seu controle. O argumento não passa no teste crucial que esboçamos no início deste livro, que não permite a aceitação das ideias essenciais que definem a nossa fé: que Deus é justo e onipotente.

Richard Rubinstein, em sua ousada obra *After Auschwitz: Radical Theology and Contemporary Judaism* (*Depois de Auschwitz: Teologia Radical e Judaísmo Contemporâneo*), abriu caminho para a ideia herética de que “Deus está morto” depois do Holocausto precisamente porque ele considerou como fato consumado o modelo de pecado/punição:

“Eu acredito que o único e maior desafio para o judaísmo moderno emerge da questão de Deus e dos campos da morte: como os judeus podem acreditar em um Deus onipotente e misericordioso depois de Auschwitz? A teologia judaica tradicional sustenta que Deus é o derradeiro e onipotente ator no drama histórico. Tem se interpretado cada grande catástrofe na história judaica como uma punição de Deus para um Israel pecador. Eu sou incapaz de enxergar como esta posição pode se sustentar sem levar em conta Hitler e a S.S. como instrumentos da vontade de Deus. A ideia é simplesmente obscena demais para ser aceita por mim.”

Este é mais um motivo pelo qual eu não posso assinar embaixo do modelo de pecado/punição. Este é, na sua essência, um modelo que transfere a culpa dos perpetradores para as pessoas que pereceram. Transforma os vilões em agentes de Deus. Justifica o injustificável. Eu concordo que essa abordagem é obscena. Contudo, Rubinstein erra ao assumir que esse modelo é o *único* caminho pelo qual a teologia judaica explica as catástrofes. Na verdade, há outras alternativas.

O HOLOCAUSTO COMO UMA EXPRESSÃO DE LIVRE- ARBÍTRIO

O segundo modelo – Modelo B – tem a sua fonte no relato de Caim e Abel. Caim, o primeiro assassino da história, perpetrou um ato contrário à vontade de Deus. De fato, Deus ficou irado com o que ocorreu. Todavia, como vemos claramente no relato, Deus permitiu que isso ocorresse. Caim exerceu o seu livre-arbítrio. Assim sendo, Deus não tem culpa na morte de Abel; foi Caim quem matou Abel, não Deus.

É óbvio que Deus não queria Abel morto, mas, se tivesse interferido para salvar Abel, Ele teria privado Caim do seu livre-arbítrio. Isto, conforme já explicamos, não foi uma opção, porque Deus valoriza mais o livre-arbítrio do homem do que os Seus próprios desejos. É isso o que possibilita a Caim ser bem-sucedido e ao mal se tornar realidade.



De acordo com esse modelo, os nazistas eram Caim.

Nesse ponto de vista, o Holocausto não é uma questão que deva ser endereçada a Deus. Esta é uma acusação que deveria ser direcionada ao homem.

Abraham Joshua Heschel defende duramente esta posição:⁷⁰

“O nosso mundo não parece diferente de uma cova de serpentes. Nós não afundamos na cova em 1939 ou tampouco em 1933. Nós caímos nela há gerações. As serpentes injetaram o seu veneno nas veias de sangue da humanidade, paralisando-nos gradativamente, adormecendo nervo por nervo, entorpecendo nossas mentes, escurecendo nossa visão. O início da guerra não foi uma surpresa; este veio como uma consequência há muito tempo esperada para um desastre espiritual. O homem agiu errado. O homem agiu mal. O homem agiu muito, muito mal. O homem agiu completamente mal. Os seres humanos cometeram o Holocausto.”

Culpar Deus é adotar a mesma postura adotada por Caim quando seu crime foi descoberto. Caim perguntou: “Por acaso sou eu o guardião do meu irmão?” (Gênesis 4:9). À primeira vista, as palavras parecem absurdas. Caim simplesmente matou. Certamente ele considerou que Deus também estava consciente disso. Como ele ousa perguntar se está obrigado a ser o guardião do seu irmão? Ainda que estivesse isento dessa tarefa, ele não tinha o direito de assassinar seu irmão!

Há um *Midrash*⁷¹ que nos ajuda a compreender essas palavras de Caim.

Eis o que Caim realmente quis dizer quando falou “Por acaso sou eu o guardião do meu irmão?”:

“Deus, Tu és o guardião de todas as criaturas. Tu és onipotente. Tu podes fazer tudo o que queres. Se Tu realmente quisesses que meu irmão não morresse, estava em Tuas mãos impedir-me. Sou *eu* o guardião do meu irmão? Não, *Tu* és. Não me culpe. Se Tu permitiste que isso ocorresse, Tu deves ter concordado. Tu és tão culpado quanto eu – se não mais.”

Então o *Midrash* segue adiante e compara o relacionamento entre Caim e Deus ao de um ladrão e um vigia por meio da seguinte parábola:

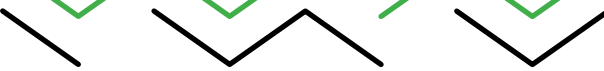
Um ladrão roubou alguns utensílios durante a noite. Pela manhã, o guarda o confronta: “Por que você roubou os utensílios?” E o ladrão responde: “Eu sou um ladrão; este é o meu negócio; eu apenas exercitei minha habilidade. Você é um guarda. Seu dever é manter a guarda nos portões. Por que você não exerceu a sua habilidade?”

Então era isso o que Caim estava dizendo a Deus. “Tu me criaste como eu sou – um ser humano com uma inclinação para o mal. Eu agi de acordo. E Tu, o Guardião de todas as criaturas, me permitiste matar. Eu não sou o guardião do meu irmão; Tu és!”

O texto bíblico nem se preocupa em responder a essa acusação contra Deus. As palavras de Caim só podem vir de um olhar criminoso a fim de desculpar as suas ações do modo clássico – inverter a culpa. Pode até parecer que tenha alguma lógica nisso, mas o caso de Caim está baseado em uma suposição totalmente falsa. O fracasso de Deus em breçar o mal não equivale a concordar com este. A acusação de Caim contra Deus foi a derradeira *chutspá* (audácia): transformar o presente de Deus do livre-arbítrio em um argumento pela anuência de Deus para assassinar.

O que Caim esqueceu é a premissa do livre-arbítrio. Permitir que o homem escolha força uma medida de passividade da parte de Deus. Mas isso não significa que o mau não será considerado responsável em última instância. O pecado é possível, mas não permissível. E Deus? O que Ele fará? Deus proferirá o julgamento. Ele decretará que Caim se torne um errante sobre a face da Terra. E, na testa de Caim, Deus colocará um sinal que o marca a ferro como um assassino. Pode não acontecer imediatamente, mas no final a justiça triunfará. De acordo com essa abordagem, o Holocausto foi a vitória temporária do mal não por causa da perversidade de Deus, mas devido à Sua graça – a Sua bondade em conceder aos seres humanos a dádiva que lhes permite tornarem-se anjos ou demônios.

Mais do que isso, talvez, o Holocausto *afirmou* uma verdade fundamental que torna o judaísmo ainda mais relevante. Este provou o fracasso do *homem sem os ensinamentos espirituais de Deus*. O que o mundo testemunhou nos anos



1940 foi quão baixo se pode afundar quando se abandona a ética e a lei, bem como a consciência moral que tem sido a maior dádiva dos judeus à Humanidade. Longe de deslegitimar Deus, o Holocausto deixou claro que, sem Ele e os Seus ensinamentos, a Terra não pode sobreviver.

Esta é uma abordagem que eu considero um tanto forçada. Se o primeiro modelo de pecado/punição se mostrou inaceitável, a teoria do livre-arbítrio tem muito para ser recomendada. Contudo, é difícil aceitá-la como uma explicação plena para o Holocausto, dada a extensão dos seus horrores. Será que o livre-arbítrio exige a completa abdicação de Deus? Como então explicamos a intervenção Divina ao longo do curso da história? Será que estes momentos não demonstraram que *há* crimes suficientemente merecedores da Sua intervenção? Será possível que Deus fez um voto perpétuo de passividade? E se houve tempos em que Deus esteve bastante irado, muito transtornado, suficientemente pasmo para anular as consequências do livre-arbítrio, será que os horrores do Holocausto não autorizaram o mesmo tipo de resposta?

Talvez ainda um terceiro modelo para os caminhos de Deus possa nos ajudar a lidar com a nossa dificuldade.

O HOLOCAUSTO COMO TESTE

O terceiro modelo – o Modelo C – está baseado na história de Abraão. A Bíblia ensina que Abraão teve que enfrentar 10 testes, sendo que o último a lhe ser pedido foi para que sacrificasse o seu filho Isaac. Parece incompreensível que Deus pedisse para um homem oferecer o seu próprio filho como prova da sua fé. No entanto, mais uma vez, será que os testes não são – por sua própria natureza – incompreensíveis? Se Abraão soubesse que era um teste, o pedido Divino não teria representado um desafio de devoção.

Alguns dizem que, talvez, a história do sacrifício de Isaac por Abraão represente uma antecipação do evento do século 20, que do mesmo modo exigiu um teste supremo da nossa fé diante da impossibilidade de se compreender o Holocausto. Sim, terrível e amedrontador, mas quanto mais difícil o teste, maior

a recompensa. A história de Abraão demonstra que os testes bem que podem fazer parte da experiência religiosa. É possível que o Holocausto tenha sido uma situação de *Akedá* coletiva, forçando-nos, como povo, a sermos testados exatamente do mesmo modo que o nosso patriarca?

À primeira vista, a ideia parece possuir algum mérito, mas há uma diferença óbvia entre os dois eventos. No relato de Abraão, no momento crítico, quando ele ergueu a sua espada para completar o teste, a Torá nos conta que Deus enviou um anjo para dizer: "Pare!"

No Holocausto não houve anjo algum. Não houve uma ordem de Deus para parar. Em vez disso, a espada erguida desceu, e o sangue de 6 milhões fluiu para a Terra.

As diferenças entre a realidade e o modelo afastam quaisquer possíveis semelhanças. Simplesmente não faz sentido. Desde a perspectiva de Abraão, o modelo não se aplica porque então os nazistas teriam de ser comparados a esse homem religioso que obedeceu à voz de Deus! E tampouco se aplica desde a perspectiva de Isaac que, embora estivesse disposto a renunciar à sua vida, não morreu no final.

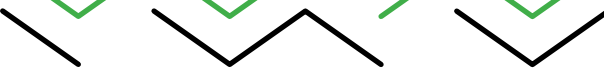
Os testes devem supostamente servir a um propósito. Espera-se que sejam construtivos, não destrutivos. Isso torna quase impossível acreditar que o Holocausto possa ser explicado pelo modelo do teste de Abraão.

Portanto, passemos para o próximo modelo.

O HOLOCAUSTO COMO UM PRÉ-REQUISITO MESSIÂNICO

Este modelo – o Modelo D – baseia-se nas visões messiânicas dos profetas.

É a partir dos escritos bíblicos de muitos dos porta-vozes de Deus que falamos do "fim dos dias" que nós ouvimos falar de um conceito conhecido como *chevlê ledá*, "as dores de parto" para o nascimento do Messias. Os profetas Zacarias, Malaquias, Joel e outros predisseram que o tempo que precede



imediatamente a redenção final seria pleno de morte e destruição em uma escala quase inimaginável. A descrição deles é tão assustadora que o Talmud⁷² fala de sábios que declararam esperar pela vinda do Messias, mas que eles mesmos não vivessem para testemunhar a sua chegada. “Nós naturalmente amaríamos fazer parte da era messiânica”, eles explicaram, “mas não podemos suportar a ideia de ter que testemunhar os dias que precederão imediatamente a sua vinda.”

No século 16, o rabino Iehudá Loew, mais conhecido como “Maharal de Praga”, escreveu longamente acerca dos tipos de eventos que anunciarão a vinda do Messias com base nessas predições. O Maharal advertiu que haveria um período de crise – uma crise em diversos níveis. Contudo, ele concluiu, a salvação surgirá precisamente como resultado dessa crise. Nas palavras do Maharal, “Do meio do nada, nascerá a vida.”

Suas palavras pressagiam tanto o Holocausto como também o nascimento de Israel, que ocorreu logo em seguida. A sua elaboração das predições bíblicas é dolorosa em sua descrição dos horrores que foram tão precisamente cumpridos durante o Holocausto. O que tornam suas palavras ainda mais notáveis é a percepção de que, assim como os profetas já indicavam, a tragédia provou ser, de fato, a precursora do retorno milagroso do povo judeu à sua terra após quase dois mil anos de exílio.

A comparação com uma mulher dando à luz – os gritos de dor seguidos de uma imensa alegria – provou ser uma metáfora apropriada. Se houvesse opção, nós também poderíamos concordar com os rabinos do Talmud que rezaram para não estarem vivos na geração que precede a redenção. Contudo, como Elie Wiesel afirma de forma tão bela, “Nós somos a mais amaldiçoada de todas as gerações, e somos a mais abençoada de todas as gerações. Nós somos a geração de Jó, mas também somos a geração de Jerusalém.”

Como devemos explicar essa estranha ligação? O que cria a conexão entre a dor sem paralelos e a alegria ilimitada? Por que os profetas viram a iminência de um Holocausto antes de um retorno à nossa pátria nacional?

A resposta está longe de ser clara.

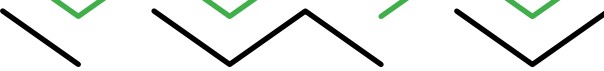
Alguns, como o famoso sábio, o rabino Yonathan Eibeshutz, tentou entender isso por via de analogia:

Da mesma maneira que a noite precede o dia e o mundo atual precede o mundo vindouro, assim, também, só é compreensível que a redenção seja precedida pela escuridão. Toda nova existência anuncia o fim da existência anterior. Esta é a razão do vazio antes do surgimento do Messias, até que toda a existência anterior se dissolva. Só então a existência pode recomeçar. Esta é a razão pela qual os Sábios do Talmud ensinam:⁷³

“Rabi Yochanan disse que na geração na qual o filho de David [isto é, o Messias] vier, o número de mestres da Torá diminuirá, e os olhos daqueles que ficarem irão se tornar fracos de pesar e de gemidos, e grandes sofrimentos e decretos severos serão renovados; tão logo um deixe de vigorar, um novo será promulgado. [Está escrito mais adiante,] Rabi Yehuda diz que na geração em que vier o filho de David, o local de reunião [dos mestres da Torá] será [usado] para prostituição, a Galileia será destruída, Gavlán tornar-se-á deserta, e o povo da Galileia perambulará de cidade em cidade e não será consolado; a sabedoria dos Sábios irá decrescer, aqueles que temem o pecado serão menosprezados, a face da geração se assemelhará à face de um cão, e a verdade será difícil de suportar...”

Os sofrimentos terríveis que nós vivenciamos na Europa durante a Segunda Guerra Mundial podem ter servido como parte do cumprimento dessa previsão tão medonha. O Holocausto representou um aspecto do “vazio” antes do “renascimento” do povo judeu na Terra de Israel. A “coincidência” do calendário que colocou o Holocausto em tanta proximidade com a criação do Estado de Israel é certamente algo que chama a nossa atenção. Deve-se considerar isso uma mensagem Divina.

Será que isto pode servir como uma fonte de consolo? Isto basta para nos dar uma medida de consolação para as nossas dolorosas perdas? Enquanto para muitos a ideia de “dores do parto para o nascimento do Messias” falha em oferecer uma razão aceitável, nós devemos notar que durante o próprio Holocausto havia rabinos que tranquilizaram seus discípulos enquanto estes



marchavam em direção à morte, dizendo-lhes para que pensassem no sofrimento deles como os sacrifícios que acelerariam a chegada do Redentor.

A mais insuportável de todas as mortes é a morte vista como sem sentido. Acreditar que morrer serve a um propósito é mais do que preenchê-la de um sentido, mas também de santidade. É isto o que este modelo foi capaz de proporcionar para algumas vítimas. Eles podem não ter entendido o “porquê” dos seus sacrifícios, mas acreditaram no seu significado, o que lhes permitiu seguir em direção às suas mortes com dignidade.

Será que essa abordagem nos basta ao nos debatermos com as dificuldades teológicas do Holocausto? Se esta não nos satisfaz como resposta, permite-nos ao menos reconhecer que o incompreensível era, não obstante, parte de um plano Divino revelado há milhares de anos para os profetas. Isto transforma a tragédia em um degrau para a bênção derradeira – e que certamente traz consigo uma medida de consolação.

O HOLOCAUSTO COMO ALGO INEXPLICÁVEL

E, finalmente, completamos o ciclo ao retornarmos ao modelo de Jó – o Modelo E.

Nesse modelo reconhecemos a aparente falta de justiça na conduta de Deus. Mas, como o livro de Jó nos ensina, independentemente de quanto esforço o homem fizer para compreender os caminhos de Deus, ele não terá sucesso. Jó nunca obtém uma resposta para suas perguntas. A resposta de Deus – como percebemos nos capítulos 1 e 14 – é apenas uma sequência de perguntas que enfatizam o quanto os seres humanos são completamente limitados em contraste com o Seu temível poder:

“Onde estavas quando construí as fundações da terra?... Quem pode, com sabedoria, contar as nuvens do céu, e quem pode fazer verter as botijas do céu?... Queres caçar a presa para a leoa ou satisfazer o apetite de seus filhotes?... É por tua sabedoria que se eleva o falcão e abre suas asas, voando para o sul?”⁷⁴

Em outras palavras, Deus diz a Jó: "Eu dirijo este mundo vasto e complexo, e você possivelmente não consegue entender as inúmeras razões pelas quais Eu faço o que faço."

E assim Jó, ao ouvir tudo isso, conclui: "Reconheço minha deficiência. O que Te posso responder? Cerro minha boca com a mão."

Estranhamente, Jó é confortado por essa não-resposta à sua pergunta, e ele concorda em não mais questionar. No final, depois de todas as suas dolorosas experiências, essa é a atitude de Jó.

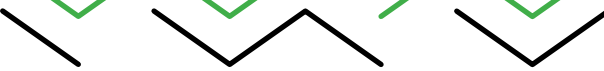
Você poderia dizer que esta é uma conduta evasiva. Como pode haver algum consolo nessa não-resposta? Ou você pode olhar para isto desde uma perspectiva mais elevada e aceitar como resposta por meio de uma submissão a uma inteligência superior que dirige o mundo de uma maneira que não podemos compreender.

Por exemplo, se alguém diz: "Meu médico certamente está equivocado porque eu não entendo a sua prescrição", você responderia: "Isso é absurdo! A sua afirmação não faz sentido porque você está indo a um especialista com um conhecimento que você não possui."

Como diz Maimônides, às vezes o tratamento do médico pode ser a amputação de um membro, algo que parece muito cruel para uma pessoa comum que não tem qualquer conhecimento dos procedimentos da medicina moderna. Contudo, o médico não poderia explicar ao paciente por que e como a gangrena se espalha; falta-lhes uma linguagem em comum. O melhor que o médico poderia dizer seria: "Por estranho que possa parecer, isto é bom para você."

Do mesmo modo, as coisas terríveis que acontecem são, de algum modo estranho que não entendemos, em favor do nosso maior interesse. E só uma inteligência superior sabe o motivo. Como diz a Bíblia: "As coisas ocultas pertencem ao Eterno, nosso Deus."⁷⁵

A relevância dessa ideia para o Holocausto ficou esclarecida há alguns anos para mim em uma das experiências mais incríveis da minha vida. Quero



compartilhar isto com você no próximo capítulo, na esperança de que isto fortaleça a sua fé diante do inexplicável, assim como fortaleceu a minha.

CAPÍTULO 16

UM ENCONTRO COM UM MÍSTICO

A oportunidade de um encontro com um místico mudou minha vida.

Há alguns anos eu estava em Israel em uma excursão congregacional quando um amigo compartilhou comigo algumas histórias notáveis a respeito de um mestre religioso da cidade de Safed. Aqueles que o conheciam bem estavam seguros de que ele era um daqueles conhecidos na tradição judaica como “os 36 homens justos” – aqueles 36 homens santos por cujo mérito o mundo inteiro é mantido.

Eu não podia ousar esperar que teria a oportunidade de realmente encontrá-lo, mas o acaso e o destino Divino nos reuniram de alguma maneira. Os detalhes do nosso encontro foram tão incríveis que eu preciso acreditar que o próprio Deus o promoveu. O que eu aprendi após passarmos horas memoráveis juntos alterou definitivamente o modo como agora eu entendo a Bíblia, a religião e, de fato, a própria vida.

Por que ele confiou em mim eu ainda não sei. Ele é um homem completamente imune às tentações da fama e da riqueza. Ele compartilhou comigo um “segredo” místico sob duas condições: que eu não o revelasse publicamente até que ele me informasse o momento adequado; e que eu nunca – jamais! – divulgasse a sua identidade e perturbasse o seu propósito vitalício de anonimato.

Durante anos eu mantive o “segredo” comigo. Isso me permitiu ver coisas que ninguém mais via. Todavia, eu não podia dizer uma palavra por causa da minha promessa.

E então, num certo ano, ele ligou para mim e simplesmente me disse: "Agora é o momento." Eu não tenho qualquer ideia do que mudou. Talvez seja porque o mundo atualmente está mais afinado ao místico e mais receptivo aos seus ensinamentos profundos. Talvez seja porque as pessoas já foram apresentadas ao conceito de códigos da Bíblia e não serão cínicas demais diante de uma abordagem de algum modo comparável a isto. Ou talvez seja porque há algo que esse segredo pode nos ensinar atualmente que o mundo precisa desesperadamente para o seu esclarecimento, para a sua inspiração e para a sua própria sobrevivência.

Deixe-me então compartilhar isto com você exatamente do modo que eu o ouvi.

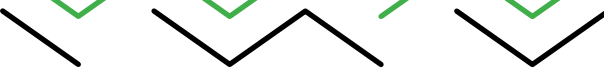
Nós havíamos falado de milagres. Ele me falou que aqueles eventos milagrosos não terminaram com os relatos bíblicos. Eles são contínuos, ao longo de toda a história, inclusive nos tempos modernos. Ele disse que, por exemplo, a criação do Estado de Israel aconteceu como uma expressão da vontade de Deus exatamente quando foi previsto para acontecer, segundo a Bíblia.

"Previsto exatamente quando foi suposto?", eu perguntei. "Eu não me recordo da promessa de retorno para a terra identificada com um ano específico."

Ele respondeu: "Então talvez esteja na hora de eu lhe revelar o segredo das sentenças."

Eu não tinha qualquer ideia do que ele queria dizer. Sentenças? A qual segredo ele possivelmente estava se referindo? "Deixe-me lhe mostrar uma coisa", ele me falou. E então ele me confiou uma reflexão que havia recebido dos seus mestres que literalmente me deixou sem fôlego.

"O ano em que o Estado de Israel nasceu foi, no calendário secular, 1948. Segundo o nosso modo tradicional de contar, a data era 5708. Saiba que os versículos dos cinco livros de Moisés, a Torá, correspondem aos anos da história. Todo evento importante de todos os tempos deve ter alguma alusão a isto, direta ou indiretamente, no versículo conectado a ele pelo número. Você sabe", ele me perguntou, "qual é o versículo número 5.708 da Bíblia?"



É claro que eu não tinha ideia.

Então ele me contou, e em seguida eu verifiquei isto após uma prolongada contagem. É Deuteronômio 30:3:

“E o Eterno, teu Deus, te trará com Ele de Teu cativoiro, e Se compadecerá de ti, e te fará voltar, juntando-te dentre todas as nações para onde o Eterno, teu Deus, te espalhou.”

Era impressionante! E parecia bom demais para ser verdade. Talvez fosse apenas uma notável coincidência, um desses acidentes que são mais divertidos do que instrutivos. Mas com certeza era algo intrigante: o versículo que fala do retorno à terra após séculos de exílio é, de fato, a sentença bíblica cujo número é o mesmo do ano no qual esse evento improvável ocorreu!

Então eu encontrei coragem para fazer a seguinte pergunta: “Você quer dizer”, perguntei hesitante, “que isto não é simplesmente um exemplo isolado? Este é um princípio que se relaciona igualmente a outros eventos importantes, e eu poderia encontrar uma referência comparável, por exemplo, ao Holocausto, do mesmo modo como fiz com relação ao momento da redenção nacional?”

“Por que você não tenta?”, ele respondeu com um sorriso. E assim eu contei os versículos para trás, tomando nota do número, bem como do ano correspondente. O capítulo anterior – capítulo 29 – era aquele cujas sentenças correspondiam aos anos do Holocausto, desde meados dos anos 1930 até o fim da Segunda Guerra Mundial em 5705/1945.

Com a respiração suspensa, li as frases que saltavam diante de mim:

“... todas as maldições da aliança... as pragas daquela terra e as suas doenças, com que o Eterno a terá afligido... toda a terra foi abrasada com enxofre e sal... como foi a destruição de Sodoma e Gomorra... vendo isto, dirão todas as nações: ‘Por que o Eterno fez assim a esta terra?’ ” (Deuteronômio 29:20-23)

Era verdade! As sentenças estavam relacionadas aos anos do Holocausto e descreviam os horrores e aflições daqueles tempos terríveis – como se tivessem sido escritas no mesmo momento em que os eventos ocorreram.

Mas havia uma revelação ainda mais surpreendente que surgiu por meio dessa leitura. O versículo que corresponde ao ano 5705/1945 me atordoou com sua mensagem poderosa. Obviamente, trata-se da sentença que serve como a palavra final da Torá a respeito do Holocausto e o seu significado. É o resumo de Deus bem como a Sua “explicação”. E o que têm a nos dizer as palavras as quais estamos tão ansiosos para ouvir? Escute cuidadosamente o texto porque eu acredito que este é o melhor e o mais apropriado julgamento que os seres humanos possivelmente podem oferecer ao considerarmos os eventos daqueles dias:

“As coisas ocultas pertencem ao Eterno, nosso Deus. Porém, as reveladas nos pertencem a nós e a nossos filhos para sempre, para cumprir todas as palavras desta Torá.”⁷⁶

Quando tudo está dito e feito, Deus é mais sábio do que nós. Ele entende mais do que nós. Nas profundas palavras do sábio do século 11, Bachya ibn Pacuda: “Se nós pudéssemos entender Deus, nós seríamos Deus.” Às vezes podemos captar alguns dos Seus modos. Ao buscarmos razões e explicações, podemos ocasionalmente compreender algumas verdades que iluminam o modo misericordioso como Deus guia nossas vidas. Nestes momentos nós somos subjugados pela Sua grandeza. E nestes momentos de confusão, quando somos incapazes de compreender como Deus possivelmente pode parecer tão imune ao nosso sofrimento, nós nos certificamos de que o amor de Deus por nós é a constante que nunca, jamais, mudará. A resposta bíblica para o Holocausto deve ser nossa resposta às nossas angústias cotidianas: “As coisas ocultas pertencem ao Eterno, nosso Deus.”

A nossa fé é mais forte do que os nossos infortúnios. A nossa crença pode sobreviver a perguntas que só têm respostas parciais. A História não pode validar o julgamento otimista de Anne Frank de que, “apesar de tudo, eu ainda acredito que as pessoas são realmente boas no coração”. Contudo, eu não tenho dúvida de que Deus é realmente bom no coração, e Suas “coisas ocultas” são os métodos Divinos que Ele usa para nos levar de volta ao paraíso que Ele originalmente criou para nós.



POSFÁCIO

Este é um livro sobre perguntas. Perguntas que ousam sugerir que os caminhos de Deus podem nem sempre ser justos. Perguntas que ameaçam nossas convicções religiosas. Perguntas que colocam em risco o nosso relacionamento com o Criador.

Nós estudamos respostas de algumas das maiores mentes do passado. Nós aprendemos que nem todas as respostas são universalmente aplicáveis ou tampouco satisfatórias. Algumas das reflexões certamente ecoam mais do que outras. Algumas ideias terão feito sentido para muitos, outras para poucos ou para ninguém. À medida que nos movemos de tema em tema, você terá sido o juiz mais importante das verdades que falaram ao seu coração e ajudaram a aliviar a sua dor.

Após anos aconselhando pessoas que sofrem, eu vim avaliar a extensa gama de respostas às diversas abordagens que ajudaram as pessoas a “passar por isso”. O que é significativo para um pode ser simplesmente um “discurso religioso” para outro. O que é profundo para uma pessoa pode parecer superficial para outra. É por isso que passamos por tantas possibilidades diferentes. Minha esperança neste livro – assim como quando eu falo pessoalmente com as pessoas – é que você encontre pelo menos um pensamento que lhe atinja com a força de um raio e que você o reconheça imediatamente como a *sua verdade*.

Os leitores que leram o manuscrito me disseram que houve pelo menos uma, se não muitas mais, destas reflexões esclarecedoras que fizeram com que uma ideia saltasse diretamente da página para os seus corações. Como foi dito por um rabino chassídico, você sempre reconhecerá a verdade que se aplica à sua situação pelo modo poderoso como essa lhe atinja ao encontrar-se com ela.

Mas eu não me iludo em pensar que você terá encontrado nestas páginas as respostas para *todas* as suas perguntas. Você tampouco deve se desesperar ou ficar desapontado se ainda estiver preocupado com alguns dos modos de Deus.

Eis uma verdade que eu lhe peço para que se lembre:

Ter perguntas não faz de você uma pessoa não-religiosa. Duvidar não é o mesmo que negar. É permitido, sim, às pessoas perguntarem, serem céticas – até mesmo questionarem o próprio Deus. E isso não as faz menos piedosas, mas exatamente o contrário: isto afirma ainda mais a sua fé.

Duro de acreditar? Deixe-me provar isto.

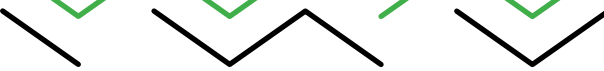
A fé e a dúvida podem coexistir? Será que ser religioso exige a suspensão da razão e da lógica? Será que uma pessoa religiosa é alguém que já tem todas as respostas e jamais pode admitir estar confusa por algumas das ações de Deus?

Algumas pessoas poderiam pensar que a resposta é óbvia. Confiar em Deus, elas lhe dirão, implica obediência inquestionável. A santidade exige silêncio. A convicção requer aceitação cega.

Mas elas estão erradas. E Henry David Thoreau tinha razão quando disse sucintamente: "A fé mantém muitas dúvidas na sua conta. Se eu não pudesse duvidar, eu não acreditaria." Se você acha que a observação dele não é verdadeira, tudo o que você tem a fazer é ler a Bíblia. Alguns dos maiores homens compreenderam intuitivamente que, se Deus dotou o ser humano de razão, então, esta dádiva Divina seguramente não pode ser pecadora. Questionar Deus não é um crime; é justamente uma expressão poderosa da nossa consciência de que, ao termos sido criados à imagem de Deus, temos a obrigação de nos esforçarmos para compreender o nosso Criador.

ABRAHÃO, O PRIMEIRO MONOTEÍSTA

Abraão foi o primeiro judeu. Ele foi o primeiro a ensinar ao mundo inteiro o conceito de monoteísmo. Por causa disso, Deus optou por aparecer a Abraão como amigo e confidente. O relacionamento era tão íntimo que, quando Deus decidiu que não tinha escolha a não ser destruir as cidades de Sodoma e Gomorra, Ele tornou as Suas intenções conhecidas ao Seu servo.



“O clamor de Sodoma e Gomorra aumentou, e seu pecado se agravou muito” (Gênesis 18:20), declarou Deus. Por essa razão eles teriam que ser destruídos. E porque Abraão agora Lhe era tão querido, Deus decidiu que não poderia esconder os Seus planos do seu discípulo. Então Abraão soube o que estava prestes a acontecer.

O que aconteceu em seguida é duro de acreditar. Abraão confronta Deus. Abraão discute com Deus. Abraão questiona Deus: “Destruirás também o justo com o mau? Talvez haja 50 justos dentro da cidade... Longe de Ti de fazer tal coisa, de matar o justo com o mau... longe de Ti! Aquele que é o juiz de toda a terra não fará justiça?” (Gênesis 18:23-25)

E como Deus responde a essa crítica? Por mais incrível que pareça, Deus cede! Tudo bem, Ele diz, “se houver 50 justos dentro da cidade, perderei ao lugar todo, por causa deles”. Mas Abraão ainda não está satisfeito: “Talvez faltem, dos 50 justos, cinco; ainda destruirás todos eles simplesmente pela falta de cinco?” Deus também aceita isso. Mas a discussão ainda não terminara: “E se só houver 40? Ou 30? Ou 20, ou 10?” Deus também aceita esse pedido. Ele não levará o Seu plano a cabo se existirem pelo menos 10 pessoas justas. Abraão vence!

Como é possível entendermos essa história? Será que Abraão é mais inteligente do que o Deus que o criou? É claro que não. Certamente não é isto o que diz o texto. O que a Bíblia está nos ensinando, de acordo com quase todos os comentaristas, é que Deus se orgulhou de um ser humano que teve a coragem de expressar as suas convicções. Talvez este tenha sido um teste ainda maior do que aquele no qual Abraão recebeu a ordem para levar o seu filho como uma oferenda. O desafio para Abraão foi definir, para ele, bem como para todos os seus descendentes, o lugar apropriado para a compaixão humana na presença do julgamento Divino. Sim, Deus decretou, mas esta foi a Sua maneira de determinar como Abraão responderia. Tivesse Abraão aceitado passivamente, colocando toda a sua fé em Deus, Ele teria perdido a Sua fé em Abraão! O que a Bíblia nos ensina nessa história inspiradora é que Deus prefere pessoas de caráter a piedosos obedientes. As pessoas que têm a coragem de questionar são mais santas do que aquelas que acreditam

que Deus nos deu a dádiva da inteligência, mas deseja que nós de fato nunca a usemos!

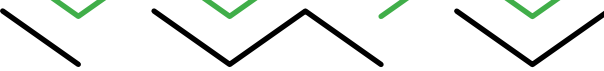
Abraão não se tornou um herege quando expressou suas dúvidas a respeito da justiça dos caminhos de Deus. Ele sabia, obviamente, que Deus daria a palavra final. Tudo o que ele queria era também ter a permissão para expressar a sua opinião. E isso não era só o que Abraão queria; explicitamente, este também era o desejo de Deus.

MOISÉS PERGUNTOU POR QUÊ

Moisés foi o maior herói da Bíblia. Ele alcançou um nível de profecia sem paralelos com qualquer outro antes ou depois dele. Os versículos finais dos cinco livros de Moisés deixam claro o quanto ele foi único: "E jamais se levantou em Israel profeta algum como Moisés, a quem o Eterno aparecera cara a cara" (Deuteronômio 34:10). Se alguém merece ser chamado de amigo de Deus, este certamente foi o homem cuja face literalmente brilhou como uma tocha de luz.

Mas Moisés também entendeu que até mesmo uma grande amizade com o Todo-Poderoso não o impedia de fazer críticas quando necessário. Depois que os judeus pecaram com o bezerro de ouro, Deus falou para Moisés o quanto Ele estava irado: "Eis que é um povo insubordinável", Ele disse, "e [Eu] os consumirei" (Êxodo 32:9-10). Mas Moisés teve coragem de dizer a Deus que ele não concordava. Moisés fez perguntas; todas elas começavam com "por quê": "Por que, Eterno, se acenderá o Teu furor contra Teu povo, que tiraste da terra do Egito com grande força e com mão forte? Por que hão de falar os egípcios, dizendo: 'Para mal os tirou, para matá-los nos montes e para os consumir de sobre a superfície da terra?'" (Êxodo 32:11-12). Em uma linguagem simples, Moisés dizia praticamente o seguinte: "Deus, Tu estás certo de que realmente sabes o que estás fazendo?"

Ousado, não? Você pensaria que isto poderia ser contado como um pecado para Moisés. Você poderia esperar que Deus respondesse com ira por tanta impertinência humana. Em vez disso, a Bíblia conclui essa história



contando-nos que “o Eterno arrependeu-Se do mal que falou em fazer a Seu povo” (Êxodo 32:14). Mais uma vez, o homem vence Deus. O Eterno permite que um ser humano seja vitorioso. E em vez de irar-Se com o Seu servo, nós podemos quase imaginar Deus sorrindo. Moisés, exatamente como Abraão antes dele, percebeu que questionar Deus não é um ato de *chutspá* (audácia) teológica. Trata-se nada menos do que uma afirmação de dignidade humana, uma demonstração válida e louvável de coragem espiritual até mesmo na presença do Todo-Poderoso.

Longe de ser diminuído por sua explosão aparentemente desres-peitosa, Moisés cresce na estima do leitor, bem como na de Deus.

Moisés amava tanto Deus que não podia aguentar ficar calado quando a reputação de Deus como misericordioso parecia ameaçada. Afinal de contas, perguntas nem sempre equivalem a críticas. Às vezes, elas são somente outra maneira de pedir esclarecimentos. A frase “Por que você está fazendo isso?” não precisa ser entendida como uma condenação. Os amigos têm direito de reagir, de ficarem confusos e de expressarem suas dúvidas. E isso é verdade, como essa história deixa claro, até mesmo quando um dos amigos é o próprio Deus.

JÓ E TODOS OS OUTROS INOCENTES QUE SOFREM

Nós sabemos tudo a respeito de Jó e seus problemas. Nós nos lembramos de como Jó foi apresentado no início do livro que leva seu nome, sendo considerado não apenas um homem de virtude e devoção exemplares, mas também uma pessoa abençoada de uma maneira apropriada a um indivíduo da sua santidade. Nós testemunhamos a sua queda com pesar e empatia.

Nós percebemos que Jó é *qualquer ser humano*. Ele é a vítima que sofre injustamente e não pode acreditar que Deus permita o seu sofrimento. Nós nos lembramos dos amigos de Jó que tentaram convencê-lo de que ele estava

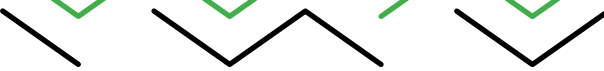
sofrendo porque devia ter feito algo que justificasse isso. Mas Jó sabia que isso não era verdade. Não havia como ele pudesse aceitar que o seu horrendo sofrimento era uma punição por crimes que ele certamente não cometera.

Ao longo de 42 capítulos, a Bíblia nos conta como Jó resistiu. Ele era um homem rico que perdera todo o seu patrimônio. Ele era o patriarca de uma bonita família, agora deixado sem descendentes. Coberto da cabeça aos dedos dos pés com bolhas infeccionadas que nunca paravam de coçar, o seu corpo febril frouxamente suspenso em seu esqueleto, os seus olhos afundados na cabeça e as suas costelas salientes sob a pele, Jó é o paradigma de todos aqueles perplexos pelo seu sofrimento injusto, confusos pela aparente ausência de compaixão e de preocupação da parte de Deus por Seus filhos.

A esposa de Jó sugeriu a solução de desespero extremo: “Amaldiçoe Deus e morra!” Em outras palavras, ela falou para o seu marido: “*Por que não acabar com isso? É inútil. Não há futuro.*” A voz dela era de pessimismo não-mitigado. Talvez ela tenha sido a primeira defensora da eutanásia. Quando a vida não oferece alternativas para fazer-se digna de ser vivida e a fé fracassa em alcançar uma resposta positiva, o suicídio é a única resposta lógica.

Em vez disso, Jó se agarra à vida. Ele se recusou a amaldiçoar Deus. *Mas isso não fez com que ele parasse de questionar.* Inquirir Deus não é o mesmo que negá-Lo, mas exatamente o contrário. O próprio ato de questionar implica que a comunicação com alguém em quem confiamos está presente e que nós temos certeza de que há razão suficiente para dialogar com ele. Os ateus não questionam Deus porque para eles não há com quem falar. Pelo contrário, Jó sabia que não importava o quanto ele sofrera, ele não estava só. Para Jó, questionar Deus era afirmar a Sua existência. É claro que Jó chorou. É óbvio que ele protestou, lamentou, até mesmo amaldiçoou o dia em que nasceu. Mas há uma coisa que ele jamais faria: ele nunca cruzaria a linha e amaldiçoaria Deus, como sugeriu a sua esposa. Diante de toda a sua adversidade, ele permaneceu firme em sua única esperança – o mesmo Deus responsável pela sua terrível situação.

Jó estava frustrado, mas não perdeu a sua fé. Jó sentiu a necessidade de apresentar o seu caso diante de Deus porque ele confiava que sua queixa seria



aceita. E quando Deus finalmente decidiu responder, Ele deixou claro que, da Sua perspectiva, as dúvidas de Jó eram mais piedosas do que as crenças dos seus amigos. Deus aplaudiu as perguntas de Jó.

Esta é a mensagem do livro de Jó, dirigida a todo aquele que sofre. Abra o seu coração para Deus. Jogue para Ele a sua aflição, a sua raiva, a sua dúvida, a sua amargura, o seu sentimento de traição e a sua decepção. Deus é grande o bastante para suportar tudo isso e ainda mais. A única coisa que você não pode fazer a Deus, o único crime para o qual você será considerado um pecador, não é questioná-Lo, mas ignorá-Lo.

E é isso que o poeta Alfred Lord Tennyson compreendeu tão bem quando escreveu: "Existe mais fé na dúvida honesta, acredite-me, do que em metade das religiões."

É esta a garantia que podemos levar das vidas dos gigantes espirituais que nos precederam. Quando nos sentimos abandonados por Deus, nós não devemos considerar blasfêmia repetir as palavras do Rei David no seu livro de Salmos:

"Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste? Por que deixaste tão distante minha salvação e ignoraste meu gemido angustiado? De dia clamo e à noite não silêncio, e Tu não me escutas." ⁷⁷

"Deus, onde Tu estás?" é um grito que funde amor com frustração, aceitação com confusão. Isto não diminui a nossa fé; afirma a nossa relação e, ao mesmo tempo, atesta a nossa proximidade. É somente por amarmos Deus tanto quanto amamos que podemos nos sentir suficientemente próximos para Lhe fazer perguntas!

E é por isso que estou certo de que Deus não pensará nada menos de nós se nos juntarmos à companhia de questionadores que incluem Abraão e Moisés, Jó e o Rei David. Quem sabe? Pode ser que lidar honestamente com as nossas dúvidas nos permita fortalecer a nossa fé.

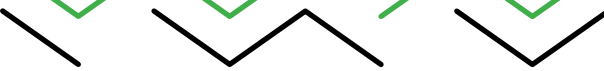
É por isso que jamais devemos ter medo de perguntar. Sintamo-nos sempre próximos o suficiente de Deus para questionar. Mas encontremos também força nessas respostas que nos marcam com suas verdades. E vivamos nossas vidas com a garantia confiante de que o mesmo Deus que é a fonte de todas as nossas bênçãos também nos permitirá superar nossos sofrimentos e tristezas.

NOTAS

66. Berkovits, Eliezer. *God, Man & History (Deus, o Homem e a História)*. Middle Village, NY, Jonathan David Pub., 1979. – 67. *Meguilá* 12a. – 68. *Kuntres Dibrot Kodesh* 216-217. – 69. *Ketubot* 11a. – 70. Heschel, Abraham Joshua, and Susannah Heschel (Ed.). *Moral Grandeur and Spiritual Audacity: Essays (Grandiosidade Moral e Audácia Espiritual: Ensaios)*. New York, NY, Noonday Press, 1997. – 71. *Midrash Hagadol, Bereshit* 4:9. – 72. *San'hedrin* 98b. – 73. *San'hedrin* 96b, 97a. – 74. Jó 38-40. – 75. Deuteronômio 29:28. – 76. Deuteronômio 29:28. – 77. Salmos 22:2-3

SOBRE O AUTOR

Benjamin Blech é um educador, líder religioso, escritor e palestrante reconhecido internacionalmente. Ele é o autor de sete livros *best-sellers*, muito aclamados, cujas vendas somam mais de 150 mil exemplares, incluindo três que fazem parte da popularíssima série *Idiot's Guide* (no Brasil, um deles foi publicado pela Editora Sêfer sob o título "**O Mais Completo Guia sobre Judaísmo**"). Muitas das suas obras vêm sendo traduzidas para outras línguas. *Understanding Judaism: The Basics of Deed and Creed (Compreendendo o Judaísmo: o Básico das Ações e Crenças)* foi escolhido pela *Union of Orthodox Jewish Congregations* (União das Congregações Judaicas Ortodoxas, EUA) simplesmente como o melhor livro sobre judaísmo dos dias atuais. Acompanhado de um vídeo, filmado pelos produtores de "20/20" [programa de TV americano – N.T.] e apresentado pelo próprio Blech, atualmente vem sendo utilizado como base para grupos de estudos em inúmeras sinagogas e universidades ao redor dos Estados Unidos.



Em uma pesquisa americana (do site jewsweek.com), Blech ficou em 16º na lista dos 50 judeus mais influentes dos EUA. Vencedor do *American Educator of the Year Award* (Prêmio de Educador Americano do Ano), o rabino Blech é professor-associado de Talmud na *Yeshiva University* desde 1966.

Blech é rabino emérito da *Young Israel of Oceanside*, Nova York, onde serviu por 37 anos. Décima geração de uma família de rabinos, ele já formou milhares de relações entre professor e estudante com seu estilo caloroso e cuidadoso. Blech é conhecido por sua capacidade de apresentar ideias complexas de maneira simples e envolvente. Foi presidente do *National Council of Young Israel Rabbis* (Conselho Nacional de Rabinos da 'Young Israel'), bem como da *International League for the Repatriation of Russian Jewry* (Liga Internacional pela Repatriação dos Judeus Russos), e também diretor do *New York Board of Rabbis* (Diretoria de Rabinos de Nova York) e do *Rabbinical Council of America* (Conselho Rabínico da América).

Blech realiza com frequência palestras em comunidades judaicas distantes, como Austrália, África do Sul, Nova Zelândia, Bangcoc, Singapura, Hong Kong, Tóquio e Israel. Mais próximo de casa, ele vem atuando como Professor-Residente em centenas de sinagogas ao longo dos Estados Unidos e Canadá e atua em favor de inúmeras causas judaicas. Suas palestras gravadas têm alcance internacional e estão entre as mais populares entre milhares de disponíveis na Internet no *site Aish Hatorah* (www.aish.com).

Blech costuma aparecer em rede nacional de televisão (incluindo o *talk show* de Oprah), teve um popular programa semanal de rádio em Nova York e já escreveu para *Newsweek*, *The New York Times* e *Newsday*, sem contar um largo e variado número de publicações acadêmicas.

Blech é um palestrante incomum, eloquente e talentoso, bem como um renomado teólogo contemporâneo e conferencista religioso que tem causado um grande impacto na vida de milhares de pessoas a quem ele se dirige. Seu web site é www.benjaminblech.com.